

### 3. Espaço e tempo míticos de Platão

Enquanto na *República*, Platão evoca Hades no momento que apresenta o julgamento de um tempo a vir, em um espaço de repartição que dividem bons e maus.<sup>85</sup> No quadro da Atlântida, o discurso proferido por Crítias aos então presentes, Timeu, Sócrates e Hermócrates, a respeito da guerra que se diz ter havido entre os atenienses e os atlânticos, não prossegue sem o que consideramos ser uma constante majoração dos fatos autorizados pelo recuo do espaço e do tempo.

Mas, antes mesmo de trazer para o presente os acontecimentos de um passado muito longínquo, Crítias deverá invocar, além das outras divindades como Apolo e as Musas, mencionadas por Hermócrates, particularmente a Mnemosine<sup>86</sup>, pois dela dependerá parte do discurso a ser proferido para a platéia:

“Se eu conseguir evocar com fidelidade à memória e vo-los transmitir os discursos proferidos outrora pelos sacerdotes e para aqui trazidos por Sólon, tenho quase certeza de que nosso teatro declarará unanimemente que eu desempenharei a contento meu papel”.<sup>87</sup>

---

<sup>85</sup> Sobre o andamento dos lugares em um espaço hierarquizado e sobre a oposição das direções e dos lugares, Tártaro e as ilhas afortunadas. *Górgias*, 524 a, 526 c; *Fedro*, 113 e; *República*. X, 614e-615a.

<sup>86</sup> A mãe das musas que evocam os poetas e historiadores. Mnemosine é, segundo a mitologia, filha de Urano e de Geia, e pertencia ao grupo dos Titânidas. Uniu-se a Zeus durante nove noites seguidas e dentro de um ano deu-lhe nove filhas, as musas. GUIMARÃES, R., *Dicionário de Mitologia Grega*, p. 225.

<sup>87</sup> PLATÃO. *Crítias*, 108 d.

Nessa passagem, Mnemosine parece ter um papel especial, uma vez que ela atinge a categoria do tempo. Ela transporta o poeta ao centro dos acontecimentos antigos, em seu tempo e faz senão reproduzir a série de acontecimentos, aos quais ele assiste de certo modo, na mesma ordem em que se sucedem a partir da sua origem.

Nos passos que se seguem, Platão, através de Crítias, situa assim, no espaço e no tempo, a história dessas duas potências destinadas a conhecer a catástrofe:

“Antes de mais nada, precisamos não esquecer que, ao todo, já decorreram nove mil anos desde a guerra que se diz ter havido entre os povos que habitavam para fora e muito além das Colunas de Heracles e os moradores desta banda...”<sup>88</sup>

Esse tempo mítico, perdido na memória dos gregos, faz Platão recuar cerca de nove mil anos para narrar a guerra que diz ter havido entre esses dois povos – os atenienses e os atlânticos.<sup>89</sup>

---

<sup>88</sup> Idem, *Ibidem*, 108 e.

<sup>89</sup> VIDAL-NAQUET, P., *Athènes et l'Atlantique, Structure et signification d'un mythe platonicien*, REG ; t. 67, 1984. Do ponto de vista estrutural é um quadro de contrastes e de oposições geo-político-filosóficas (terra-mar; democracia-despotismo; identidade-alteridade) que permite fixar o sentido da Atenas arcaica. Luc Brisson, na edição do *Timeu* e do *Crítias*, mostra que a guerra entre essas duas potências seria o paradigma

Sob o domínio de Hefesto e de Atena <sup>90</sup>, a cidade de Atenas tinha sido dividida em três ‘classes sociais’, camponeses, artesãos e comerciantes, e guerreiros. <sup>91</sup> Uma imensa acrópole ocupa o lugar da acrópole clássica, que se estende da Pnix até o Licabeto, de onde partem as divisões do espaço. <sup>92</sup> Na parte exterior da acrópole, o espaço dos artesãos e camponeses é forçadamente mencionada por Platão. Habitando um espaço próprio, separado dos demais, estão os guerreiros que ocupam o cimo <sup>93</sup> isolado por uma muralha, à volta do templo dos deuses protetores da cidade. O que é então o centro da vila, o seu *mésos*, não é como na cidade de Clístenes, a *ágora* – centro político, no qual convergem todos os cidadãos; um cimo não compreende outro edifício público senão o templo dos deuses fundadores, os alojamentos comunitários dos guerreiros, os ginásios, os jardins e refeitórios.

---

de três outras guerras: as guerras Médicas, as guerras do Peloponeso e a guerra civil de Atenas após a derrota de 404.

<sup>90</sup> A divindade protetora de Atenas é, por excelência, Atena, filha de Zeus que engole Métiis a fim de escapar das conseqüências de um oráculo. Filha de Métiis e Zeus, mas engendrada apenas pelo seu pai, Atena preside as artes e as técnicas. VERNANT, J. P. e DETIENNE, M. ‘La métiis d’Antiloque’, *REG*, n° 80, 1967, p. 12-27. Os autores enumeram os termos mais importantes associados à *métiis*. A capacidade inteligente que designa a *métiis* se exerce sobre planos diversos e acumula atribuições: sobre o plano político, ela é a guardiã das vilas e antes de toda a acrópole. ‘Hefesto e Atena, por terem a mesma natureza e em parte provirem do mesmo pai, e também por se identificarem no amor da filosofia, da ciência e das artes, havendo recebido em comum nossa região como o lote mais indicado para os dois e naturalmente apropriado para a sabedoria e a virtude, povoaram-na de varões autóctones e lhes ensinaram a organização política’.

<sup>91</sup> Podemos observar que a tripartição funcional se materializa na repartição do espaço.

<sup>92</sup> Idem, *Ibidem*, 112 a - b. Crítias dar à acrópole dos tempos antigos as dimensões da cidade de Atenas que ele conhece, sem dúvida, para alojar os vinte mil combatentes que serão evocados em 112 d. “No local em que hoje se eleva a *acrópole*, havia uma fonte que secou... mas naquele tempo ela fornecia água em abundância... Assim viviam aqueles homens, guardas, a um tempo, de seus concidadãos e dirigentes dos demais helenos, com a preocupação constante de conservar sempre o mesmo número de homens e mulheres, em condições, ou quase, de carregar armas que eles calculam em mais ou menos vinte mil.”

<sup>93</sup> Platão indica muito precisamente que esse cimo é circular.

Nas teorias dos reformadores políticos, bem como nos empreendimentos dos urbanistas, a cidade aparece composta de partes múltiplas cujas funções são diferentes umas das outras. Podemos pensar que a obra de Hipódamo é particularmente instrutiva a este respeito, pois o milesiano teria sido ao mesmo tempo, o primeiro urbanista e o primeiro teórico político. Hipódamos havia concebido uma cidade ideal que Aristóteles conservou os princípios essenciais.<sup>94</sup> Ele preconiza uma cidade de dez mil habitantes, repartidas em três 'classes sociais': guerreira, artesanal e agrícola. Além disso, divide o território em três setores: domínio sagrado, reservado aos deuses, público, reservado aos guerreiros e privado, atribuído aos agricultores. A função guerreira, ao contrário das funções artesanais e agrícolas, está ligada ao domínio público, concerne à comunidade em seu conjunto, integrado ao político. Ao isolar a função guerreira, tratava-se de purificar de todo contato com a vida econômica, com essa esfera de interesses privados que agora aparecem como um fator de divisão e de oposição entre os cidadãos. Uma vez que a sua especialidade enquanto classe funcional consiste em encarregar-se de um setor que pertence ao domínio comum ou público, não podem possuir nada de particular, sua atividade social não deve revestir-se de nenhum caráter privado.

---

<sup>94</sup> ARISTÓTELES. *Política*, II, 1268. Tradução, introdução e notas de Mário Gama Kury.

Podemos afirmar que a Atenas primitiva é o exemplo típico da conformidade de uma cidade ao modelo já descrito na *República*.<sup>95</sup> Esse modelo compreende três características: divisão da cidade em três classes distintas, isto é, a classe dos reis, a dos guerreiros e a dos trabalhadores; exclui todo o comércio e todo imperialismo e enfim, terceira característica, que resulta das duas outras, relação estável entre a cidade perfeitamente integrada a seus deuses, seus cidadãos e seus vizinhos e suas riquezas.

Em face desse primeiro modelo, Platão coloca a Atlântida, domínio de Poseidon<sup>96</sup>, a qual o deus dividiu em dez partes à frente dos quais ele colocou dez reis, *arquegetas* (fundadores) da cidade. Essa divisão vem nos aproximar de uma relação possível entre a ilha fabulosa e a cidade de Atenas, insurgidas das reformas de Clístenes.

Essa ilha principal, onde Poseidon conhece Clito e engendra os reis atlânticos foi assim isolada e cercada pelo deus:

“... por um sistema de cinturões alternados, de mar e de terra, no qual os maiores envolviam os menores, a saber: dois de terra e três de mar, que ele torneou igualmente, a partir do meio da ilha, a igual distância um do

---

<sup>95</sup> PLATÃO. *Timeu*, 19 b-c. Sobre o lado que joga esses modelos no pensamento platônico, ver M. Schuhl, *Études sur la fabulation platonicienne*, p. 89 et. seq.

<sup>96</sup> Poseidon, filho de Rhéa e de Cronos, súbito a mesma sorte que seus irmãos até isso que o entrega Zeus. O personagem de Poseidon prende muitas atribuições, que essas aqui. Ele é o deus do mar. É um construtor de muros. É também um batizador de vilas. Ele pode se transformar em cavalo, raça animal que é particularmente querido.

outro, deixando-os intransponíveis para o homem, pois naquela época ainda não se conheciam barcos nem navegações”.<sup>97</sup>

Podemos observar que essa ilha principal na qual temos no centro os templos e os palácios e todas as demais construções vão se distanciando em anéis circulares de terra e de água que se alternam.

Os recursos da Atlântida e as atividades de seus habitantes revelam detalhes importantes. Nessa ilha principal, na qual se extraem das minas todos os metais, possui um “que só é conhecido de nome, mas que outrora era mais do que isso, o *oricalco*” e que era “o mais precioso após o ouro dos metais que existem nesse tempo”.<sup>98</sup> Nesse ponto, os recursos das minas de Laurion explicariam a potência e a riqueza da cidade de Atenas.<sup>99</sup> Por outro lado, a flora é uma riqueza exuberante: plantas de todas as espécies, florestas imensas fornecem materiais importantes e em quantidade, essências aromáticas variadas e frutos cultivados, que Platão prossegue a descrição durante muitas linhas. A exuberância da fauna não perde em nada àquela da flora. Os animais selvagens e domésticos também são abundantes.

---

<sup>97</sup> PLATÃO. *Crítias*, 113 d.

<sup>98</sup> Idem, *Ibidem*, 114 e. O *oricalco* joga um lado muito importante na Atlântida: ele cobre a muralha da *acrópole* (116 c); o centro da ilha no templo de Poseidon encontra-se uma coluna de *oricalco* (119 d); o templo é abundantemente adornado de *oricalco* (116 d).

<sup>99</sup> O distrito de Láurion, no sul da Ática ficou muito conhecida devido à existência de grandes jazidas de chumbo exploradas desde o início da Idade do Ferro. A exploração só veio realmente tornar-se significativa quando foram cunhadas, sob os Pisistrátidas. A descoberta, por volta de 483, das ricas jazidas da Maronéia daria novo impulso à exploração das minas de onde Atenas extraía a prata que fazia suas moedas serem especialmente procuradas.

Como o território os provesse de tudo, os habitantes da ilha construíram templos, palácios, portos e arsenais. O palácio real, no interior da *acrópole*, foi construído do seguinte modo: no centro da acrópole havia o palácio real e um templo consagrado a Poseidon e Clito, cuja entrada estava proibida e cercada por um muro de ouro onde no começo foi gerada e nasceu a família dos dez reis. Com relação ao palácio, não se têm muitas informações, o que fazem P. Lévêque e P. Vidal-Naquet considerarem que Platão não tinha nenhum modelo sobre seus olhos. Por outro lado, o templo é longamente descrito e seu estilo revela certa influência bárbara de sua decoração exterior e interior, evocando de maneira surpreendente o Partenon. Neste templo, erguem-se estátuas de ouro, entre elas a da deusa, em pé, em um carro, dirigindo seis cavalos alados, cercado de cem *Nereidas*<sup>100</sup> montadas em seus delfins, assim era o Partenon de Fídias.<sup>101</sup> Havia também muitas estátuas dedicadas a particulares, dentre eles os descendentes dos dez reis, juntamente com as de suas esposas (senão dos heróis *epônimos*), além de “muitas outras de grandes dimensões, como ex-votos dos soberanos e de gente do povo, tanto da cidade como das regiões vizinhas a ela submetidas”<sup>102</sup>, como se colocasse a imagem das duas Atená que Fídias tinha levantado sobre o planalto sagrado, a Prômacos, erigido

---

<sup>100</sup> Na época de Platão eram cinqüenta *Nereidas*. Esse número incomum de *Nereidas* que cercam Poseidon, talvez se explique por mostrar a grandeza da ilha.

<sup>101</sup> PICARD, Ch. *Manuel d'archéologia grecque*, v. 2, p. 374.

<sup>102</sup> PLATÃO. *Crítias*, 116 e.

sobre a ordem de Péricles, e a Lemnia, que devia seu nome aos colonos atenienses de Lemnos que o tinha dedicado.<sup>103</sup>

Nas imediações dos templos foram construídos edifícios reais, além de vários outros templos dedicados às numerosas divindades<sup>104</sup>, muitos jardins e ginásios para exercícios tanto dos homens como dos cavalos, “sendo que estes últimos ficavam à parte, nas ilhas formadas pelos cinturões de água”. De um lado e de outro foram construídas também casas para a maioria dos guardas, pois os de mais confiança residiam perto da acrópole. Mas, “os que se distinguiam dentre todos por sua fidelidade eram designadas moradias especiais no recinto da *acrópole*, ao lado das dos próprios soberanos”.<sup>105</sup> Por outro lado, Platão se propõe em descrever um sistema complicado de portos fortificados, concêntricos e arsenais:

“Depois de atravessar os portos externos, em número de três, alcançava-se um muro circular que começava no mar e distava, em toda sua extensão, cinqüenta estágios do maior cinturão e de seu porto, e fechava

---

<sup>103</sup> WILL, E. ‘Religion, patriotisme et politique: les athéniens et Athéna’, in *Le monde grec et l’Orient*. p. 552-61.

<sup>104</sup> Convém observar o contraste entre a multiplicidade de templos que se trava sobre a ilha central da Atlântida e o único templo que se trava sobre a *acrópole* de Atenas Antiga.

<sup>105</sup> PLATÃO. *Crítias*, 117 d. No interior da *acrópole* encontra-se, com efeito, os edifícios reais que parecem designar o conjunto das construções (117 d). Porém, em 117 a, tem um sentido muito restrito, aquela das residências reais: os reis como as residências encontram-se sobre a ilha central descendente.

nessa altura a entrada do canal do lado do mar; toda a sua área era tomada por casas construídas muito perto uma das outras”.<sup>106</sup>

Nessa passagem, relaciona-se à construção dos muros e dos portos de Atenas, notadamente o plano da nova vila e do porto do Pireu. A. Rivaud nos indica que um arquiteto de gênio, o famoso Hipódamo de Mileto, tinha criado um maravilhoso conjunto de portos, vilas, arsenais, fortificações. “Hipódamo, filho de Eurífon, um milesiano, inventor da arte de planejar cidades e autor do projeto do Pireu...”<sup>107</sup>. Um alto cinturão de muralhas espessas, assentados todos os setenta metros em volta potente, tinha cercado de uma proteção inexpugnável de três portos: Cântaros, Zea e Muníquia. Um pouco mais tarde, desenvolveram-se no Pireu, os canteiros de construção naval para abrigar, numa ordem perfeita, o material e os abastecimentos destinados às frotas atenienses. Com efeito, os três portos do Pireu não são canais paralelos e independentes, mas dois dentre eles são de forma circular.<sup>108</sup> Para Luc Brisson<sup>106</sup>, Platão, ao descrever as muralhas da capital da Atlântida, parece também se inspirar nos quadros que Heródoto esboça de Ecbatane e de Babilônia.<sup>109</sup> De fato, a descrição dos canais no plano da Atlântida relembra a descrição por Heródoto do centro mítico da Ásia, um

---

<sup>106</sup> PLATÃO. *Crítias*, 117 d-e.

<sup>107</sup> ARISTÓTELES. *Política*, II

<sup>108</sup> RIVAUD, A.. Édition de la *CUF*, p. 248.

<sup>106</sup> BRISSON, Luc. *Timée, Crítias*. Traduction, introduction et notes, p. 322 ; *L'Égypte de Platon*, Les Études philosophique, 1987, p. 153-168.

<sup>109</sup> HERÓDOTO. *História*, I, 98, I, 117

plano cercado de montanhas que dão nascimento a um rio imenso e imaginário. Quanto à atividade, que se desdobra no canal e no porto principal, a evocação que faz Platão se passa no seguinte comentário: “O canal e o porto maior formigavam sempre de barcos e de mercadorias da mais variada procedência que enchiam o dia e a noite de barulho e multidões e ruídos de toda a espécie”.<sup>110</sup>

Quanto às divisões da cidade<sup>111</sup>, elas não aparecem com muita nitidez, ao menos que se distingue um plano, ao centro do qual temos a vila e as montanhas sobre os recursos dos quais importantes indicações são fornecidas.<sup>112</sup> Na passagem seguinte, Platão menciona ao lado da planície, “das montanhas e do resto do país.”<sup>113</sup> Esta última indicação, muito misteriosa por sinal, pode nos designar os anéis circulares que cercam a ilha principal, uma espécie de muralha. Nesse estado puramente militar, tratam-se, aliás, não de magistrados, mas unicamente de comandantes.<sup>114</sup> A planície é dividida em sessenta mil lotes e fornece cada qual um comandante. De fato, esse número impressiona e deve sem dúvida ao desejo de mostrar a extraordinária riqueza da ilha, o que se pode pensar aqui nos *dêmos* (comunidade cívica) e nos *demarcos* (chefe do *demos*), tal como constatamos na cidade de Atenas, insurgidas das

---

<sup>110</sup> PLATÃO. *Crítias*, 117e.

<sup>111</sup> Apenas no final de sua análise, Platão (119 b) explica que dar à organização da ‘cidade real’ aquela dos descendentes de um só rei inicial: “as outras nove eram ordenadas de maneira diferente, o que exigiria de nossa parte, mui larga explanação”.

<sup>112</sup> PLATÃO. *Crítias*, 118 a-e.

<sup>113</sup> *Ibidem*, *Idem*, 119 a.

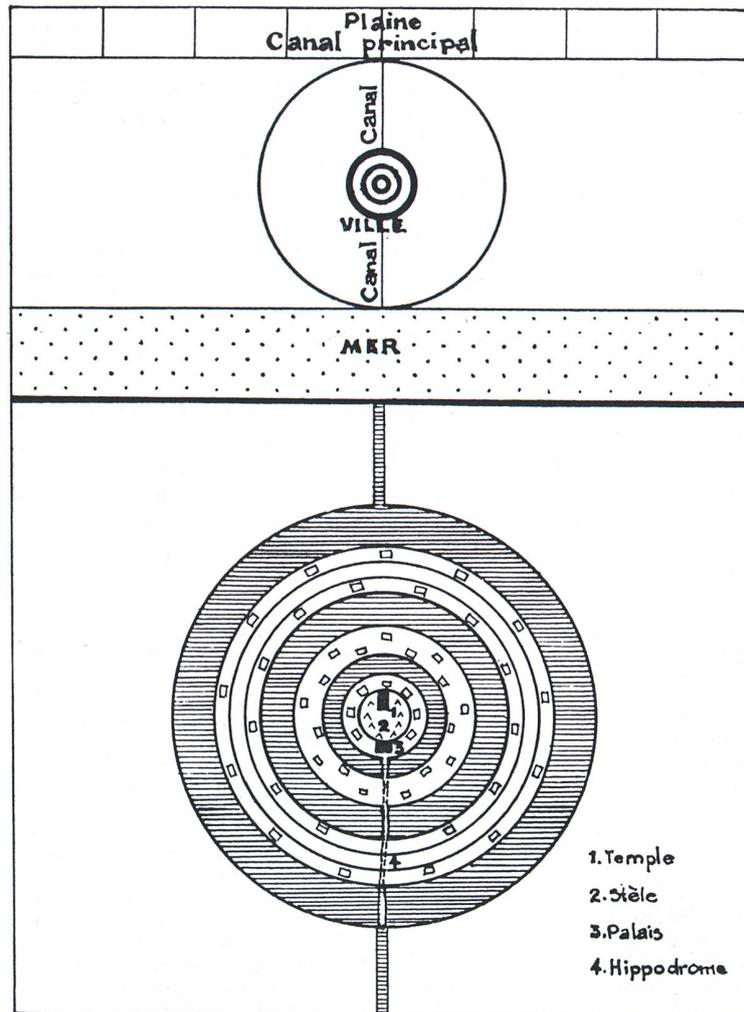
<sup>114</sup> Nota-se que o número de homens está em relação direta com a imensidade dos territórios.

reformas de Clístenes. Quanto aos homens tirados das montanhas e do resto do país, ‘constituíam, ao que me disseram, verdadeira multidão; eram distribuídos de acordo com os distritos e aldeias, sob a direção dos respectivos chefes’. <sup>115</sup> Podemos afirmar que Platão deseja uma repartição que agrupa “a montanha e o resto do país”, como o plano e a vila que, aliás, nos remete à mesma situação predominante que a *asty* (cidade) ao centro do espaço cívico clisteniano. <sup>116</sup>

---

<sup>115</sup> PLATÃO. *Crítias*, 119 a.

<sup>116</sup> Idem, *Ibidem*, 119 a-b.



Fonte: P. Lévêque e P. Vidal-Naquet. *Clisthènes l'Athénien*. p.137

A cidade de Atlanta

a) Vista sobre o conjunto da vila

b) Cidade interior

Podemos observar que a organização social se materializa na repartição do espaço, uma regressão a partir do mais elevado, mais divino e mais honorável, em relação ao mais baixo, o mais humano e o menos honorável: a ilha principal sobre o qual se eleva o santuário de Poseidon

(vedação de ouro) e as residências reais (muralha de oricalco), a ilha interior, onde são edificadas as residências e as construções diversas (muralha de estanho), a ilha exterior, onde se encontra, além das residências, um vasto hipódromo (muro de cobre) e enfim, uma parte do plano e do porto onde residem mercadores, artesãos e agricultores (muralha de pedra).

Mas a autoridade entre eles mesmos e suas relações recíprocas eram reguladas pelas disposições do deus Poseidon, tal como as leis as transmitiram e pelas inscrições gravadas em uma coluna de *oricalco* pelos primeiros reis, que se encontrava no templo do deus, bem no centro da ilha. <sup>117</sup> Nesse local, todos eles se reuniam cada cinco ou seis anos, alternadamente, 'como demonstração de igual reverência entre o par e o ímpar'. <sup>118</sup>

Podemos considerar que a Atlântida, esta gloriosa potência destinada a conhecer a decadência, Platão tinha pensado, principalmente, a Atenas clássica. <sup>119</sup> Porém, também existem outras fontes evidentes como a descrição dos canais que pode reservar uma lembrança concreta de sua viagem ao Egito e podemos pensar igualmente as reminiscências minóica, em particular pela importância do

---

<sup>117</sup> Idem, *Ibidem*, 119 e - 120 a.

<sup>118</sup> Idem, *ibidem*, 119 c-d.

<sup>119</sup> A. Rivaud, na edição do *Timeu* e do *Crítias*, reconhece na 'descrição da Atlântida', o 'processo de transposição' revelado por A. Diès em outro domínio e a propor uma referência do mundo imaginário sobre o mundo real, ateniense, cretense e egípcio que é reprisado por P. Lévêque e P. Vidal-Naquet. (*Notice du Critias*, ed. Budé, Paris, 1956, p. 11-12).

touro no sacrifício dos reis.<sup>120</sup> No Egito, uma monarquia tinha sido estabelecida, na qual os doze membros se reuniam para sacramentar seu pacto (fundado sobre regras religiosas que governam suas relações mútuas) cumprindo um ritual que implica um sacrifício, uma libação. Essa monarquia coletiva tinha dado nascimento às realizações arquitetônicas e técnicas espantosas. Há também, nesse mito, em particular na suntuosa e bárbara evocação do cerimonial do juramento em que é sentido encontrar modelos precisos.<sup>120</sup>

De fato, a Atlântida também é uma potência imperialista. Os reis tinham formado um império grande e maravilhoso. Este império era mestre da ilha inteira e também de muitas outras e partes do continente. Não satisfeitos com essas possessões, esses reis se lançam em uma aventura marítima que acaba por um irreparável desastre. E esse desastre se produz finalmente, quando o elemento humano que está presente nos reis Atlânticos atinge uma intensidade tal que impede o elemento divino de manifestar-se.<sup>121</sup>

---

<sup>120</sup> PLATÃO. *Crítias*, 119 d-120b. O espírito de Poseidon encontra-se incorporado em um animal emblemático, o touro. Os reis deixam à Poseidon o cuidado de determinar qual touro ele deseja ver oferecido em sacrifício.

<sup>120</sup> Idem, *Ibidem*, 119 d-120b. Por meio de aproximações que têm sido feitas entre a descrição que Platão indica da Atlântida e da realidade, essas são sem nenhuma dúvida as comparações com as grandes cidades do domínio Persa, Babilônia e Ecbatane, que são as mais prováveis.

<sup>121</sup> PLATÃO. *Crítias*, 121 b.

Podemos afirmar que no *Timeu* e no *Crítias*, os reinos dos atlânticos situam-se em um espaço e um tempo mítico. Nas *Leis*, nós estamos, ao contrário, sobre o plano da realidade mais concreta e da história.